



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



UMA ABORDAGEM MORFOSSEMÂNTICA DAS FORMAÇÕES *TELE-X* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rosângela Gomes Ferreira
gfrosangela@ig.com.br

O presente trabalho visa a desenvolver um estudo lexical acerca das formas “tele-X” em português do Brasil, como, por exemplo, *telecomunicações*, *telegrama*, *televisão*, *tele-mensagem* e *telecine*.

Para tanto, iniciamos nossa pesquisa resenhando as propostas encontradas que envolvem a descrição e o funcionamento da lexia ora em voga (ROCHA LIMA, 2007; BECHARA, 2004; CUNHA & CINTRA, 2001; AZEREDO, 2008). Intencionamos comprovar que esse elemento passa de radical a prefixo e, a partir dessa mudança, ratificar a produtividade/criatividade lexical que envolve o neo-prefixo “tele-”.

A mudança do *status* morfológico de “tele-”, que supostamente, hoje, atua como um formativo recorrente no processo de recomposição, apoiar-se-á nos estudos de Gonçalves (2005; 2006) e Bybee (1985), a fim de investigar os mecanismos derivacionais e composicionais que atuam nessas formações, na tentativa de comprovar que não há um limite pré-estabelecido entre os dois processos em questão.

Esses autores entendem que os processos morfológicos não são fenômenos distintos, mas sim, que fazem parte de um *continuum* morfológico, sendo, em alguns casos, difícil distinguir se um dado elemento lexical contribui para a formação de um ou outro processo. Para isso, faz-se necessário estabelecer critérios capazes de diferenciar o grau de pertencimento dos formativos na derivação ou composição. Assim, um item lexical é mais ou menos derivacional e/ou composicional.

Nessa perspectiva, Gonçalves (2006) descreve a evolução dos formativos “-ólogo” (*prólogo*, *análogo*) e “ógrafo” (*telégrafo*, *parágrafo*), mostrando que tais elementos eram radicais latinos e, por isso mesmo, apresentavam opacidade e imprevisibilidade de significado, além de quase não formarem novas palavras.

Hoje, tais elementos funcionam na língua portuguesa como sufixos e, evidências disso apontadas pelo autor são i) o fato de o significado ser mais especializado (determinado e previsível); ii) o fato de esses elementos sempre formarem palavras de um único acento tônico; iii) o fato de que, como bases, esses elementos seriam formas presas, portanto, não reconhecidas pelos falantes como palavras, iv) o fato de serem produtivos, ou seja, formarem novos item lexicais, como *cervejólogo*, *funkólogo* e *cigarrólogo*, por exemplo; e, por fim, acrescentamos v) o fato de ocuparem sempre uma posição fixa.

A fim de coletar dados que sustentem a análise proposta nesta apresentação, fizemos buscas no dicionário eletrônico *Houaiss* e também em sites da internet, como *Google* e *Wikcionário*. Distribuímos as formações levantadas em grupos de afinidade morfológica, sintática e semântica, sustentando-nos, para esta análise, no aporte teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF, (1987); LANGACKER (1987) e SWEETSER (1999)), mais especificamente nas noções de categorização, prototipia, polissemia e ajuste focal, com o objetivo de identificar as motivações cognitivas que subjazem a essas formações.

Até o presente momento da pesquisa, observou-se que, atualmente, este elemento é aplicado em larga escala para a formação de novas palavras. Em uma análise ainda superficial dos dados, verificamos que faz referência a duas acepções básicas: “televisão” (*telenovela, teleator, telecurso, televizinho, telefilme, telejogo*) e “telefone” (*tele-gás, tele-van, teleoperador, tele-pizza, tele-sexo, tele-vendas*), o que o torna um elemento de significado cada vez mais especializado, já que originalmente significava 'longe, ao longe, de longe' (advérbio grego *têle*).

Além disso, nas formações antigas, “tele” apresenta-se, com frequência, ligado a bases presas (*telecine, telégrafo, telepatia*), o que não ocorre mais. Essas constatações apontam para o entendimento de “tele” como uma forma presa na língua e, ainda, para uma mudança de classe morfológica: em grego, tratava-se de um advérbio; hoje, em língua portuguesa, tem valor substantivo.

Palavras-Chave: “Tele-”, neo-prefixo, recomposição, produtividade lexical, Linguística Cognitiva.

Tipo de apresentação: Comunicação

Bibliografia:

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GONÇALVES, C. A. *Estudos em Morfopragmática e Morfologia Diacrônica*. Booklink, 2006.

HOUAISS, A. (*et alii*). *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss/Objetiva. 3.0. 2009.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 46ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In: *Cognitive Linguistic Research 15*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999, p. 129-162.

www.google.com.br

[www. Wikcionário.com.br](http://www.Wikcionário.com.br)